

DOSSIÊ

MATERNIDADES E MATERNAGENS: REPRESENTAÇÕES E CONTESTAÇÕES - APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

É uma enorme satisfação organizar o **Dossiê Maternidades e Maternagens: Representações e Contestações**, elencando uma vasta gama de trabalhos acadêmicos acerca de Estudos Maternos e de Gênero. Com contribuições de várias pesquisadoras e pesquisadores de renomadas instituições do país, da América Latina e da América do Norte, nosso dossiê é o resultado de articulações importantes entre acadêmicos das Universidades Federal da Paraíba, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Viçosa, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de Santa Maria, Universidade Estadual de Maringá, Universidade de Buenos Aires e Universidade de York, no Canadá.

Agradecemos ao conselho editorial da Revista *Ártemis*, nas pessoas de Loreley Garcia, Luciana Calado e Liane Schneider pela confiança e de nos conceder a honra e a grande oportunidade de contribuir para a divulgação de artigos científicos da mais alta qualidade acerca dos temas da maternidade e da maternagem em suas diversas relações interdisciplinares- com a literatura, as mídias, a publicidade, as ciências políticas e sociais. Em tempos de pandemia da COVID-19, a tarefa foi ao mesmo tempo instigante e desafiadora.

Das águas de Oxum ao feminismo matricêntrico

Ao escrever sobre o culto à Oxum e à Iemanjá em território cubano, Lydia Cabrera (2004) nos lembra que, apesar da primeira ser considerada o orixá mais acolhedor e talvez um dos mais compassivos, a assimilação da divindade africana Oxum à Virgem Maria, especialmente a partir de sua associação à “Virgem da Caridade”¹, pode causar embaraço aos que desconhecem que Oxum é também sedutora e irreverente.

¹ Também conhecida como “Nossa Senhora da Caridade do Cobre”, declarada Padroeira de Cuba em 1916. A “milagrosa aparição da Mãe Divina, para quem todos os homens são seus filhos. Os menos ditosos são preferencialmente seus filhos mais amados” (CABRERA, 2004, p.62), foi identificada pelos *lucumis* (afro-cubanos de origem iorubá) como Oxum. Segundo Cabrera (2004), a associação se deu tanto pela presença do cobre em alguns de seus adornos quanto por seu caráter generoso.

Danielle de Luna e Silva

Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. E-mail: danilunas@yahoo.com.br

Maria Elizabeth P Souto Maior Mendes

Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil. E-mail: mepsmm@academico.ufpb.br

Os taitas que se jactavam de falar o lucumi (soro anagó) não titubeavam em aplicar-lhe com regozijo o qualitativo de panchaga – rameira – sem achar que lhe faltavam ao respeito ou atraíam sua cólera, ao descrever-nos seu temperamento lascivo e narrar-nos algum episódio picante de sua vida.

Em vez de panchaga, matanceros descendentes de egbados, como Atilano, chamavam-na *Afaradi Iyá*, que quer dizer, segundo ele, Puta Mãe. (CABRERA, 2004, p.73).

A justaposição da benevolência e caridade da “virgem” à sua sensualidade parece fundir, em um mesmo ser, o que, por séculos, o cristianismo contribuiu para demonizar - os prazeres da carne à maternidade, ou o corpo materno e feminino a um desejo pulsante e latente. Comumente representados em lados opostos, “virgens mães” e o amor erótico encontram morada em Oxum, divindade Iorubá multifacetada e de grande representatividade no Brasil, Cuba e em outros países da Diáspora Africana. Como apontam Sueli Carneiro e Cristiane Cury, “[as] deusas negras são mães dedicadas e amantes apaixonadas” (CARNEIRO; CURY, 2008, p.143).

A citação acima é emblemática porque ilustra como as contestações a respeito da maternidade, de suas vivências e de suas representações, em certa medida, já faziam parte do repertório e de práticas culturais presentes em algumas sociedades africanas ou afro-diaspóricas bem antes do tema tornar-se alvo de debates dentro dos Estudos de Gênero e dos feminismos. Por sua vez, Conceição Evaristo (2005, p.203) destaca que, para as comunidades negras, “[m]ães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural interior do mesmo.” Além disso, a escritora ressalta duas questões de primordial importância, ambas decorrentes de um contexto de escravização e exploração dos corpos negros. A primeira é a que “a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência” (2005, p.203). A segunda, o fato de não ser preciso que estas mulheres reivindicassem o direito ao trabalho e a libertação do lar, tendo em vista o trabalho forçado que desempenharam desde a sua chegada a este país.

Aliás, Beatriz Nascimento, em artigo sobre a presença da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro, escrito em 1976, já pontuava o papel desta durante a escravidão como “*forneçadora de mão de obra em potencial*, concorrendo com o tráfico negreiro” (2021, p.56, grifo nosso). Ainda segundo Nascimento, “[s]e a mulher negra hoje permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial, isso se deve tanto ao fato de ela ser mulher de raça negra quanto a terem sido escravos seus antepassados” (2021, p.58). Tanto Lélia Gonzalez (2018) quanto Sueli Carneiro (2018) discorrem sobre os efeitos deletérios desta herança na criação de estereótipos que aprisionam as mulheres negras a funções como a de “*mãe preta*”, aquela eternamente responsável por suprir as carências e necessidades dos

seus senhores e patrões. Pode-se aproximar a discussão de ambas à da socióloga estadunidense Patricia Hill-Collins (2019), que, ao cunhar o termo imagens de controle, evidencia como estas “são traçadas para fazer com que o racismo, sexismo, pobreza, e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (2019, p.136) .

Além de problematizar a imagem de controle da *Mammy*, também construída a partir da experiência das mulheres afro-americanas durante escravidão, Hill-Collins propõe-se a discutir a maternagem sob o ponto de vista da mulher negra, trazendo à tona questões centrais a esta experiência como a vulnerabilidade das famílias negras, a prática de uma maternidade compartilhada (*othermothering*), da maternagem como uma possibilidade de ativismo político, voltado para os interesses da comunidade afro-americana, e principalmente, da maternidade como símbolo de poder.

Igualmente voltado para a construção de novos discursos acerca da maternidade e seu lugar de destaque em África, o *Motherismo*, corrente de pensamento de raízes nigerianas fundada a partir da contribuição epistemológica da pesquisadora Catherine Achonolu (1995), é referência importante para compreendermos a centralidade do papel da mãe nas culturas africanas. ‘A Mãe é Suprema’ surge como frase-chave nesse contexto, bem como uma defesa ao retorno às raízes matricêntricas tradicionais, a crença na maternidade como função primordial da mulher africana e a importância da tríade natureza-maternidade- nutrição. Embora não tenha encontrado apenas simpatizantes que se alinhassem ao seu pensamento em décadas subsequentes, por não incluir em sua pauta as necessidades das mulheres lésbicas africanas, Acholonu não atribui à maternidade como um chamado biológico o maior problema para as mulheres africanas e, sim, a importação de modelos ocidentais de comportamento, dentre eles a disseminação do ódio aos homens e o espelhamento das mulheres africanas às suas contrapartes do ocidente, tanto em suas atitudes como em referenciais de beleza. Para Achonolu (1995), homens e mulheres têm papéis complementares e suas relações devem ser pautadas no respeito. O *Motherismo* faz-se premente nesse contexto como uma contra-reposta ao feminismo ocidental, uma vez que este último prioriza o trabalho remunerado feminino em detrimento ao exercício da maternidade, considerado a raiz dos problemas para as mulheres. Dessa feita, a autora defende o *Motherismo* como uma alternativa afrocentrada que deveria

estar ancorada na matriz da maternidade, que é central para a metafísica da África e tem sido a base da sobrevivência e da unidade da raça negra através dos tempos. Qualquer que tenha sido o papel da África em uma perspectiva global, ele nunca pode estar dissociado da sua posição preponderante como o continente-mãe da humanidade, nem é uma coincidência que a maternidade tenha permanecido o foco central das artes, literatura (especialmente escrita por mulheres), cultura,

psicologia, tradições orais e filosofia empírica africanas. A alternativa africana ao feminismo ocidental é o Motherismo e ele denota maternidade. O Motherista é um homem ou uma mulher comprometido com a sobrevivência da mãe-Terra como uma entidade hologramática. As armas do motherismo são amor, tolerância, serviço e cooperação mútua entre os sexos [...] O escritor motherista [...] não é sexista. O escritor motherista não cria a sua obra a partir de uma perspectiva patriarcal, masculina ou dominadora. Ele não se apresenta arrogante, autocentrado, onisciente diante de sua musa. (ACHOLONU, 1995, p.3).²

A perspectiva Motherista acaba, portanto, sendo uma contribuição que marca a forte presença epistemológica das intelectuais africanas, que contribuem para a criação de um discurso alternativo que as inclua, juntamente com seus corpos, suas necessidades, sonhos e perspectivas. A luta das intelectuais africanas é contra a alienação dos discursos feministas radicais e por reconhecimento dentro dos espaços sociais por elas ocupados desde os primórdios. Mesmo em sociedades patriarcais muitas vezes inflexíveis, elas resistem não apenas ao reducionismo das generalizações responsáveis por criar uma ideia de que não gozam de qualquer autonomia, e não produzem ciência, mas também se engajam em uma batalha contra as antinomias e dissensões que as afetam em seus próprios espaços de vivência. Se a luta feminista ocidental não incluiu suas demandas específicas em sua agenda, por afirmar, entre outras coisas, que a maternidade oprime igualmente todas as mulheres, intelectuais africanas como Acholonu e Clenora Hudson Weems procuram criar formas próprias alternativas em que suas contrapartes possam falar e serem ouvidas, e de funcionarem bem em sociedade junto aos seus parceiros.

Os discursos sobre a maternidade supracitados evidenciam, dessa forma, contestações e abordagens que revelam alguns dos desafios e das potências da maternidade e da maternagem, colocando-as em posição central de discussões envolvendo identidade, ativismo, política e empoderamento. Trajetória similar à percorrida pela pesquisadora canadense Andrea O'Reilly, que, em 2006, estabelece os estudos maternos (*motherhood studies*), hoje um campo de estudos cada vez mais prolífico. Trilhando uma direção oposta à preconizada pelo feminismo hegemônico, o feminismo matricêntrico (O'REILLY, 2016) ressalta a maternidade como catalisadora

² Tradução feita por Elizabeth Souto Maior do seguinte trecho original: An Afrocentric feminist theory, therefore, must be anchored on the matrix of *motherhood* which is central to African metaphysics and has been the basis of the survival and unity of the black race through the ages. Whatever Africa's role may be in the global perspective, it could never be divorced from her quintessential position as the Mother Continent of humanity, nor is it coincidental that motherhood has remained the central focus of African art, African literature (especially women's writing), African culture, African psychology, oral traditions, and empirical philosophy. Africa's alternative to Western feminism is MOTHERISM and Motherism denotes motherhood [...]. The Motherist is the man or woman committed to the survival of Mother Earth as a hologrammatic entity. The weapon of Motherism is love, tolerance, service, and mutual cooperation of the sexes (...). The motherist writer [...] is not a sexist. The motherist male writer or artist does not create his work from a patriarchal, masculinist, dominatory perspective. He does not present himself arrogant, all knowing self-righteous before his muse. (ACHONOLU, 1995, p.3).

de mudanças sociais e como possibilidade de empoderamento e de um ativismo centrado nas mães. Ademais, O'Reilly defende um feminismo matricêntrico que compreende “a maternidade e a maternagem como determinadas culturalmente e sujeitas a variação, e que seja comprometido com a investigação da diversidade das experiências maternas a partir da raça, classe, cultura, etnia, sexualidade, capacidade, idade e localização geográfica” (2016, p.7).³

Tendo como foco essa pluralidade de experiências, bem como a diversidade de contestações e representações da maternidade e maternagem é que lançamos a chamada para trabalhos para este Dossiê temático

Considerando que a maternidade está no cerne dos debates feministas ocidentais, e que se configura como um dos pontos de dissidência entre esta vertente do feminismo e os feminismos ao redor do globo, o presente dossiê está organizado ao redor de questões relacionadas às representações culturais da maternidade e maternagem. Buscamos, prioritariamente, uma compreensão da maternidade e maternagens negras e de grupos minoritários, a fim de examinar sua presença nas literaturas e expressões culturais africanas, afrodiaspóricas, entre outras. Partindo das discussões propostas por O'Reilly a respeito do feminismo matricêntrico (2014; 2016), da compreensão africana da maternidade como uma experiência de empoderamento (Acholonu, 1995; Hudson-Weems, 1993, 2007) e do debate acerca da maternidade negra no Brasil proposto por Lélia Gonzalez (1988) e Sueli Carneiro (2018), fazemos os seguintes questionamentos. De que modo as escritoras ficcionalizam e problematizam os corpos maternos? Quais são as questões estruturais subjacentes às escolhas das mulheres sobre seus corpos? Como as relações de trabalho se articulam com e interferem na experiência da maternidade? Em que medida os corpos femininos se configuram como locus de violência e poder, contrapondo-se aos discursos hegemônicos e à naturalização das práticas de maternagem? De que forma as mulheres estabelecem vínculos entre si que permitem o exercício da maternidade? De que maneira o corpo materno é também um corpo político?

Atendendo a este chamado, recebemos diversas contribuições de pesquisadora/es disposta/os a refletir sobre estas e outras questões relevantes para os estudos maternos. Após um árduo e rico processo, no qual contamos com a valiosa ajuda de inúmeros pareceristas e revisores, é com muita alegria que trazemos a lume os seguintes artigos para compor o **Dossiê Maternidade e Maternagens - Representações e Contestações**.

³ Tradução de Danielle de Luna e Silva do seguinte trecho original: “understands mothering and motherhood to be culturally determined and variable, and is committed to exploring the diversity of maternal experience across race, class, culture, ethnicity, sexuality, ability, age, geographical location.” (O'REILLY, 2016, p.7).

A Motherhood so White: Normative Motherhood as Enacted and Resisted in the Motherhood Memoir

A professora **Andrea O'Reilly**, da York University, Toronto, discute no primeiro artigo do Dossiê, as razões para a presença limitada das autoras negras no gênero 'motherhood memoir', compreendido como escrita memorialista que aborda a maternidade, a partir da análise da obra *Motherhood So White: A Memoir of Race, Gender, and Parenting in America* (2019), de Nefertiti Austin. Ao invés de representar uma maternidade normativa e intensiva, que posiciona a mulher como a única responsável pela criação e bem-estar dos filhos, valores típicos defendidos pelas mães branca e de classe média, Austin critica e subverte tais preceitos na obra, trazendo à tona uma narrativa negra de empoderamento e resistência.

Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo

A professora da Universidade Federal de Pernambuco **Maria Collier de Mendonça** discorre, em seu artigo, acerca de conceitos desenvolvidos por Andrea O'Reilly sobre os Estudos Maternos e o Feminismo Matricêntrico, em um estudo interdisciplinar sobre a maternidade na publicidade brasileira e canadense. O trabalho joga luz sobre ambivalências e descompassos entre a expectativa de mães sobre o maternar e suas realidades, antecipando debates contemporâneos recentes sobre a inclusão das mulheres nos espaços acadêmicos e sua permanência na ciência.

A cabaça-útero de òsun: um olhar para o corpo materno na literatura beninense

A doutoranda **Maysa Moraes** e a professora **Dr^a Luciana Calado**, da Universidade Federal da Paraíba, analisam no artigo seguinte, a partir de uma perspectiva comparada, as experiências maternas das protagonistas tal qual representadas nas obras *Presqu'une vie* e *Pour une poignée de gombos*, das escritoras Carmen Toudonou e Sophie Adonon. O trabalho aborda as relações do corpo materno com o sagrado e a ancestralidade, a partir de epistemologias afrocentradas como também utilizando os conceitos do Motherismo de Catherine Acholonu, do feminismo matricêntrico de Andrea O'Reilly, de other-mothering de Patricia Hill-Collins, dentre outros.

A maternidade política em *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Adichie

A pesquisadora **Ana Ximenes Gomes de Oliveira**, da Universidade Federal da Paraíba, se propõe a demonstrar, no quarto artigo do dossiê, os modos através dos quais a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie contesta a história, em seu romance *Hibisco Roxo*, recuperando o protagonismo das mulheres. O estudo realça a importância do gênero como potente ferramenta de análise no que tange os estudos literários sobre a experiência colonial e os efeitos pós-coloniais na África, nos trazendo uma compreensão mais plural da maternidade como um ato político de empoderamento e relevância social.

A (Des)construção da Maternidade no Romance *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra

Os autores **André Tardivo e Maria Lúcia Zolin**, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) apresentam, no quinto artigo, uma análise literária da obra *Com Armas Sonolentas*, de Carola Saavedra, a partir da representação da maternidade e das relações intergeracionais entre as personagens femininas presentes no referido romance. A visão partilhada por Tardivo e Zolin é a de que é possível e necessário problematizar a compreensão do instinto materno naturalizado e resignificar, a partir do debate presente na obra em tela, os vínculos parentais convencionais e a maternidade como destino inescapável das mulheres.

“Mãe é mãe, né pai?": maternidade, trabalho e desigualdade em debate no Facebook

As pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Maria, **Milena Freire de Oliveira-Cruz, Marina Judiele dos Santos Freitas e Isadora Severo**, em artigo que analisa publicações e comentários nas redes sociais digitais acerca da maternidade, problematizam questões de desigualdade existentes nos moldes patriarcais e intensivos de maternidade à luz da Análise de Conteúdo e dos pressupostos ideológicos do feminismo matricêntrico lançados por O'Reilly (2016).

A blogosfera materna é branca: trabalho, feminismos, raça e classe na blogosfera materna brasileira

O artigo da professora **Elaine Muniz Pires** da Universidade de São Paulo, traz à tona um debate sobre a parcialidade dos blogs maternos brasileiros no que

tange à exclusão de experiências de maternagem de mães negras. A pesquisadora se utiliza de um referencial teórico pertinente para evidenciar o caráter nada neutro da blogosfera materna brasileira, cujo discurso sobre o trabalho remunerado fora do lar ainda romantiza e universaliza a experiência da maternagem, distanciando-a da realidade das mulheres negras.

A maternidade e o Feminismo Interseccional debatido no canal de podcast Mamilos

As pesquisadoras **Maria Lúcia Castagna Wortmann** e **Cláudia Schneider Marques** da UFRGS analisam, pelo viés do Feminismo Interseccional bem como mobilizando teóricos dos Estudos Culturais, debates promovidos pelo canal de podcast Mamilos. Para tanto, usam as pedagogias culturais como ferramenta de análise, discutindo os modos através dos quais os discursos operantes no referido podcast servem para construir representações da maternidade, o que contribui para o reforço de estereótipos nocivos para as mães.

Influencers Y Mompreneurs: Una Exploración Por el Repertorio Digital de la Maternidad

As pesquisadoras **Carolina Justo von Lurzer** e **Marina Sanchez de Bustamante**, da Universidade de Buenos Aires, propõem no referido artigo uma relevante discussão acerca da mãe empreendedora argentina, sua construção discursiva em artigos de jornais e nas redes sociais. O argumento sustentado pelas autoras é o de que as narrativas dos ambientes digitais apresentam a mãe empreendedora como pessoa bem-sucedida, por sua capacidade de conciliar seu trabalho produtivo com o reprodutivo; além disso, sugerem que a feminização das tarefas de cuidado é ainda mais acentuada devido às redes sociais, embora com uma abertura para a coletivização da maternidade.

Relación de Cuidado Mujer/Criança: Dominación Simbólica y Desigualdad

O último artigo do dossiê, das autoras **Rita de Cássia Pereira Farias** e **Yeimy Carolina Espitia Villafañe**, da Universidade Federal de Viçosa-MG, consiste de análise de dados levantados a partir de uma pesquisa qualitativa enfocando a temática da prática do cuidado de mulheres com crianças na primeira infância do bairro de Potosí, em Bogotá, Colômbia. O trabalho revela que, no desempenho das funções de cuidado nesse contexto da pesquisa, ficam ainda mais evidenciadas as dinâmicas de um sistema patriarcal opressor que reforça padrões dominantes de

feminilidade e masculinidade, contribuindo para a manutenção das desigualdades de gênero operantes nas relações sociais.

Inscrições poéticas: Maternidades

A professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba **Fabiana Carneiro da Silva** finaliza as contribuições do nosso dossiê, nos brindando com poemas inéditos de sua autoria tematizando a maternidade. Os três poemas encenam a maternidade e a maternagem em movimento e evidenciam os elos intergeracionais que costumam marcar, de forma profunda, essa experiência.

Boa Leitura!

Referências

ACHOLONU, Catherine Obianuju. **Motherism: The Afrocentric Alternative to Feminism**. Owerri: AFA Publications, 1995, p.3.

CABRERA, Lydia. **Iemanjá & Oxum: Iniciações, Ialorixás e Olorixás**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane Abdon. O poder feminino no culto aos orixás. In: NASCIMENTO (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

HILL-COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HUDSON- WEEMS, Clenora. **Africana Womanism: reclaiming ourselves**. New York: Bedford Publishers, 1993.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.